

## **Roteiro do podcast Censos do Brasil – Episódio 9 – Censo de 1991 – O primeiro censo adiado – Divulgado em 22 de maio de 2023**

[Música instrumental da época]

Olá! Meu nome é Fábio Carvalho e nesse episódio do Censos do Brasil vamos falar sobre Censo de 1990! Bem, quer dizer... Na verdade não vamos. É que ele não foi realizado em 1990 como estava planejado, o que causou o rompimento da série de censos decenais, que se mantinha desde 1940, com o primeiro censo do IBGE. Isso foi ruim, é claro. Mas com o adiamento para o ano seguinte, o Censo tinha tudo para dar certo. Eu digo isso porque a astrologia previu que geminianos iam vencer obstáculos a partir de setembro de 1991. E adivinha quem é geminiano? O IBGE! E quando o Censo ia começar? Isso mesmo, em setembro!

Fica comigo, que depois da vinheta, eu te explico essa história melhor!

VINHETA [trechos de músicas de propagandas dos Censos compiladas: “O Brasil precisa saber para ter consciência de sua grandeza”; “Plim, plim, toco a campanha e ouço uma voz perguntando”; “quem é? É o agente do Serviço Nacional de Recenseamento”; “o Censo está aí: você responde e o Brasil corresponde”; “quantos somos? Sim, quantos somos no Brasil?”; “para o bem do Brasil, para o seu próprio bem, receba-o cordialmente”; “bom dia minha senhora”; “vamos juntos descobrir que país é este”]

A essa altura você já entendeu que os censos devem acontecer a cada 10 anos, sempre que tiver final zero. Uma década já havia passado desde aquele executado em 1980. Logo, pelas contas, era esperado que o próximo fosse realizado em 1990. Foi aí que um impasse aconteceu. O IBGE precisava contratar mais de 180 mil pessoas, de forma temporária, para realizar a operação. Por sua vez, o governo do então presidente Fernando Collor de Mello estava no meio de uma tentativa de redução de custos com os servidores públicos. Muitos deles já haviam sido postos em disponibilidade. O governo, então, entendeu que poderia entrar em uma contradição e sofrer com as críticas da opinião pública se fizesse essa contratação. Por causa disso, a

decisão foi sendo protelada até que em julho de 1990, a contratação foi autorizada. Mas como nem tudo são flores, não havia mais tempo hábil para realizar o processo seletivo, uma vez que o Censo deveria começar em setembro. Não houve outro jeito a não ser o adiamento para o ano seguinte.

Sobre essa situação falou Eduardo Augusto Guimarães, que era o presidente do IBGE naquele período:

*[Depoimento de EDUARDO AUGUSTO GUIMARÃES]*

*“O censo que deveria ter sido realizado em 1990, foi realizado em 1991. O censo envolve mais de 100 mil recenseadores. Mas para operar essa estrutura, o corpo técnico do IBGE não era suficiente, então era necessário fazer contratações de pessoas que vinham a ser supervisores, que iriam treinar os recenseadores e fariam a crítica do trabalho dos recenseadores. Então, com antecedência, foi necessário contratar 20 mil funcionários. Fomos à SAF pedir a contratação. Estávamos num momento de demissões, e tinha se alocado grande número de funcionários em disponibilidade. Então tinha um estoque de funcionários em disponibilidade e o João Santana resolveu que não ia autorizar a contratação, que em vez de contratar os 20 mil funcionários, devia-se utilizar aqueles em disponibilidade. Obviamente, essa proposta é sem pé nem cabeça, não faz sentido. Na verdade os funcionários colocados em disponibilidade estavam quase todos localizados no Rio e em Brasília. Nós precisávamos de 20 mil pessoas espalhadas no país inteiro. Então, começou-se um processo de convencimento. Ao João Santana era impossível de convencer, mas tentávamos convencer o presidente de que isso não fazia sentido. Foi um processo muito difícil, muito demorado, e nós estávamos correndo contra o tempo. Você trabalha com um cronograma e mudança de governo por si só é um atraso de uma série de coisas. O que a gente estava vendo era o tempo passar. O mês da coleta, que era setembro, estava chegando sem que nós tivéssemos condições de fazer a contratação. Depois de contratar, você tinha que treinar. Depois de muita briga, o presidente foi convencido e resolveu autorizar a contratação. O João Santana levantou uma outra questão. Fez uma consulta ao Tribunal de Contas se devia ser seleção ou concurso público. Nós, que já estávamos com o tempo esgotado, ainda tivemos a prorrogação até que o Tribunal de Contas fosse chegar a uma decisão. Nesse processo, a área*

*técnica começou a colocar em questão a possibilidade de fazer o censo em 2000. O censo estava previsto para o dia primeiro de setembro, dados os atrasos que isso tinha provocado, a previsão era de que fosse a campo lá para novembro só. O que a área de demografia argumentava era que você fazer pergunta em novembro, dezembro ou janeiro sobre a situação do mês de setembro era muito distante, muito arriscado. Havia problemas de sazonalidade. Se o censo refletisse uma situação de dezembro, era uma situação completamente diferente da de setembro, porque era mês de férias etc. Eles achavam que se o censo fosse a campo naquelas condições, não havia como garantir a qualidade técnica do censo. Adiar o censo para 1991, você teria a possibilidade de fazer o censo em setembro. Portanto, nas condições que a área técnica considerava ideais. Mas significava que a série que era decenal sofreria uma [mudança] por um período de onze anos e depois um período de nove anos. A decisão foi que, como era muito dinheiro público para arriscar numa operação que os próprios demógrafos iriam por a qualidade em dúvida, era melhor então fazer o censo de 1991 com a qualidade esperada, do que fazer o censo em 1990. Obviamente, foi uma decisão muito difícil de tomar porque ia contra a imagem do governo e, em última análise, contra a imagem do IBGE. O curioso é que as pessoas sempre achavam que o censo tinha sido adiado porque não tinha orçamento, porque não tinha dinheiro. Se fosse isso, até seria possível entender. Mas nem isso foi. Tinha orçamento, tinha dinheiro, tinha tudo. Foi uma maluquice de um burocrata e um jogo meio sujo.”*

Pois é, não foi fácil. Mas, mesmo assim, o trabalho foi feito. E, dessa vez, apenas com o censo demográfico, que teve como slogan “Ajude o Brasil a ter um bom Censo”. Como você pode perceber, bem trabalhado no trocadilho. Como no trabalho anterior, a data de referência foi primeiro de setembro e foram pesquisadas as pessoas, as famílias e os domicílios. Mais uma vez foram seguidas as recomendações da ONU. Nessa pesquisa também teve um censo experimental, dessa vez em Limeira, São Paulo, em 1989.

Apesar dessa confusão inicial, o Censo de 1991 introduziu algumas mudanças importantes. Uma delas, foi a criação da Comissão Consultiva, formada por especialistas em diversos temas ligados ao estudo da população.

A ideia era que esse grupo fosse um elo entre o IBGE e a sociedade e ajudasse a entender a demanda por informações dos mais diversos setores.

Também foram formadas Comissões Censitárias Municipais, com representantes do governo, de entidades de classe, de associações comunitárias e de outras instituições públicas e privadas. Elas buscavam apoios e parcerias para ajudar na mobilização da população e na coleta de dados, e em atividades como análise de mapas municipais e instalação de postos de coleta.

TRECHO DE PROPAGANDA ANTIGA DOS CENSOS: “[barulho de batidas na porta] Quem é? É o agente do Serviço Nacional de Recenseamento! Jesus, o que será isso?”

Já na apuração do Censo, houve uma mudança que trouxe grande agilidade para essa etapa. Até o Censo de 1991, toda apuração era realizada de forma totalmente centralizada, no Rio de Janeiro. Como você deve imaginar, era uma quantidade gigantesca de documentos e conseqüentemente, muitas pessoas eram contratadas. Para tudo dar certo, era preciso um controle rígido do trabalho o que tornava tudo bem demorado. Então, o IBGE teve uma ótima ideia: por que não descentralizar a apuração? A ideia foi colocada em prática no censo experimental de Limeira, com ótimos resultados. Esse teste deixou claro que a proposta era viável e ajudou a aperfeiçoar o modelo que foi efetivamente utilizado na pesquisa. Assim o IBGE conseguiu encurtar os prazos e melhorar a qualidade dos resultados finais.

Ah, e como em outros censos, esse também apresentou evoluções na tecnologia utilizada. A etapa de codificação que era manual passou a ser feita com a ajuda de computadores. Sistemas de administração e pagamento começaram a se beneficiar da ajuda da informática. Já a etapa de divulgação ganhou uma poderosa ferramenta: o disquete. Pois é, em algum dia no passado o disquete já foi tecnologia de ponta. Sentem saudades?

Mas a mudança mais importante foi na dimensão da amostra. Se nos 3 censos anteriores a fração amostral era de 25% dos domicílios para todos os municípios, em 1991 foram usadas 2 frações diferentes. Para municípios com até 15 mil habitantes, a amostra seria de 20% e em municípios com mais de 15

mil habitantes, apenas 10%. Mesmo com a diminuição ainda seriam 4 milhões de questionários.

Ah, e eu não posso esquecer do Projeto Escola, uma novidade bem legal desse Censo. Teve como alvo alunos da alfabetização até a oitava série. Funcionou assim: o IBGE enviou um material produzido por pedagogos e técnicos da casa com sugestões de trabalho para os professores desenvolverem na sala de aula. A ideia era que, aprendendo sobre o censo, os alunos poderiam ajudar na mobilização de suas famílias, os preparando para a chegada do recenseador.

Ouçá o que falou a aluna Gisela Campos, de 12 anos sobre o projeto:

*"O Censo é uma pesquisa que vocês vão fazer para saber quantos brasileiros tem, a situação de cada um e por aí vai. Alguma coisa eu vi no jornal, mas aprendi muito também com a professora de Educação Moral e Cívica. Li algumas coisas em casa pro meu tio, pra minha mãe e pra minha avó"*

Ricardo Neves, de 10 anos, também deu sua opinião:

*"Aprendi aqui no colégio que o Censo é um trabalho que se faz de 10 em 10 anos, para saber a vida de cada brasileiro. Acho que isso é importante para o Brasil porque, se todos os países desenvolvidos fazem o Censo, por que o Brasil também não pode fazer, apesar dele ser do Terceiro Mundo? Todo mundo anda cansado de saber que o Brasil é um País de analfabetos e o Censo só vai comprovar isso mais ainda. O recenseador ainda não foi lá em casa não, mas quando for, vou recebê-lo de braços abertos, como o Cristo Redentor! Eu vou deixar ele entrar, mas ele não pode reparar numa coisa: a bagunça do meu quarto"*

Não sei vocês, mas achei Ricardo um pouquinho pessimista. Mas pelo menos, parecia animado para receber o recenseador!

TRECHO DE PROPAGANDA ANTIGA DOS CENSOS: “O agente do Serviço Nacional de Recenseamento é o bom amigo que vai realizar à sua porta uma missão de paz e patriotismo.”

Ainda falta te falar sobre os resultados da pesquisa. Mas, antes disso, vamos dar uma pausa para falar de astrologia e numerologia? E antes que você se pergunte o que isso tem a ver com o Censo, saiba que essas duas áreas fizeram estudos para prever o futuro da pesquisa. Como eu te disse lá no início, o IBGE é do signo de Gêmeos. Já o Brasil, é do signo de Virgem. O presidente na época, Fernando Collor, é Leão. De acordo com o famoso astrólogo conhecido como Bola, essa mistura influenciava os trabalhos da pesquisa. Segundo ele o Brasil estava em baixo-astral. Mas quando incluiu o perfil astrológico do IBGE e o mapa correspondente à data de início do Censo, as coisas melhoravam e os astros mostravam que as dificuldades seriam vencidas. E realmente foram.

Do ponto de vista da numerologia, o adiamento foi ótimo para o Censo. Segundo o numerólogo Gilson Chveid, o número 1990 representa um retrocesso violentíssimo. Para ele, seria ainda melhor se a pesquisa acontecesse em 1992, mas mesmo em 1991 seria bom, porque as pessoas colaborariam. O numerólogo conclui que se o Censo fosse realizado em 1990 o recenseador seria recebido à bala e a pesquisa não terminaria bem. Só não ficou claro para mim se ele se referia mesmo a numerologia ou ao fato das pessoas estarem com as poupanças confiscadas.

TRECHO DE PROPAGANDA ANTIGA DOS CENSOS: “Para o bem do Brasil, para o seu próprio bem, responda com lealdade às perguntas que lhe forem feitas!”

Agora, como prometido, os resultados. A décima operação censitária nacional revelou que o Brasil tinha 146.825.475 habitantes, distribuídos em 4.491 municípios. Um aumento de 23% em relação ao Censo anterior. Apesar desse crescimento, o ritmo continuava diminuindo. A explicação é simples: estavam nascendo menos bebês. Se na década de 60 cada mulher tinha em média 6 filhos, em 1991 a média era de 3 filhos por mulher. Os resultados

também mostraram que os indicadores de mortalidade infantil e expectativa de vida continuaram melhorando e se me permite o spoiler, seguiram melhorando nos próximos censos. Ótima notícia não é?

São Paulo continuava sendo o Estado mais populoso do Brasil e Roraima continuava como o menos populoso. A essa altura a população urbana já era mais de 3 vezes superior à rural. As mulheres eram a maioria no país e a proporção de mulheres entre chefes de domicílio continuou crescendo. Eram cerca de 18% considerando todo o país. No Rio de Janeiro o número era maior: 23%.

TRECHO DE PROPAGANDA ANTIGA DOS CENSOS: “Quantos somos? Sim, quantos somos no Brasil? Quantos sabem ler? Quantos analfabetos? E a nossa indústria? E a nossa lavoura? Quantos?”

Para esse censo o IBGE ainda implementou uma pesquisa de avaliação da precisão da cobertura censitária. Uma espécie de controle de qualidade para detectar inconsistências na coleta, o que acabou aumentando a confiança nos resultados finais. Mas lembra do adiamento do Censo? Aquele probleminha que comentei com você lá no início do episódio? Pois é, essa quebra no intervalo decenal dificultou a interpretação de algumas técnicas de avaliação da qualidade das informações e acabou exigindo ajustes anuais. E por isso, o Censo de 2000, isso mesmo, nosso próximo episódio, foi essencial para recompor a série histórica da dinâmica populacional do Brasil.

A gente se despediria aqui, mas para terminar de forma diferente, vamos encerrar o episódio de hoje com a história do recenseador Bernardino Sousa de Almeida que, aos 85 anos, ajudou a contar a trajetória do censo de 1991 e, claro, a do Brasil também. O relato do senhor Dino como era conhecido representa bem a dedicação dos recenseadores. Ele serve para nos lembrar a importância de cada recenseador que já trabalhou nos censos brasileiros, ajudando a formar o melhor retrato do nosso país. Por isso, dedicamos esse episódio a todos esses trabalhadores, afinal, não há Censo sem eles.

*"Não sei o que é um banco de escola. Meu pai me ensinou o 1º livro, o 2º já foi por minha conta. Com 8 anos fui trabalhar na enxada, com 12 fui tanger boi.*

*Em 40, fui acudir um vizinho, porque o Recenseador chegou, ele tremeu, chuquiou. Acomodei tudo e pedi um questionário. Li, aprendi e até hoje guardo. Um amigo, me chamou prá trabalhar no Censo de 50, porque aqui sou parente de todo mundo. Recebi o questionário, o papel era igual a mata borrão, com lápis-tinta de ponta feita na faca, a tinta grudava no papel, não apagava. Daí, não me ensinaram nada, só os da cidade tomavam treinamento, me jogaram numa guariba, numa venda, o moço recusou informação, mas consegui. No 1º dia, errei tudo, mas aprendi. No Censo de 60, teve teste, todo mundo de paletó de brim domingueiro, e eu com meu sapatim de vaqueiro véio, chapéu de couro ... Passei, fui prá Utinga, terra de gente feroz, mas eu não me avexei; não informa hoje, informa amanhã. Em 63 fiz CEPAGRO, Torres fez maldade comigo, caminhei 16 km prá fazer 17 unidades. Já fiz Econômico, Escolar, PNAD, tudo, mas a senhora não vê, esse ano colhi muito feijão e milho, mas tô aqui, porque minha cachaça é o Censo Demográfico. Chego nas casa e digo: lembra de mim? Tive aqui faz 20 ano. Aprendi o n° da SUCAN, conserto limite, não me asso com recusa, sou maneiro, uns não sabe o que é o Censo, mas com dois dedo de prosa já me mostra o caminho da porteira. Quando escuto dizer - menino, vá buscar um café pro Seu Dino-já sei, acabou a prosa, e não tem almoço. Procuo um cajueiro e vou comer minha sardinha na sombra. Mas como o de comer que me oferecem, prá não dizer que tô excusando as pessoa. Já sei quando o marido é brabo, mulher é só prá trazer os registro dos menino. Censo 91,já fiz três setor, com 310, 34 e 126 domicílio. Amanhã vou caminhar 15 km, tomar sol e me molhar no orvalho. E se Deus quiser vou fazer o Censo 2000. 'Mas Dona, quando é que vão me pagar?'"*

FIM DO EPISÓDIO [Música instrumental]

Oi, voltei para te avisar que você pode encontrar o material que serviu de base para a elaboração do roteiro na Biblioteca do IBGE.

As informações sobre os estudos de numerologia e astrologia, os depoimentos dos estudantes e do Senhor Bernardino foram retirados da publicação *Jornal do Censo*, também disponível no site na Biblioteca do IBGE. Para trazer o conteúdo desse jornal, o episódio contou com a locução de Geovana Souza, Bruno Marques e Isaque Braga.



Visite também o site da Memória IBGE. Lá você encontra muita coisa legal sobre a trajetória da Fundação ao longo do tempo.

Os links para o Jornal do Censo e para a entrevista de Eduardo Guimarães estarão na página do episódio.

O podcast Censos do Brasil é um oferecimento da Memória IBGE. Eu sou Fabio Carvalho e roteirizei, produzi e editei este episódio, com o apoio de Vera Abrantes que me ajudou com informações para a elaboração do roteiro.